

HERMENEGILDO BASTOS*

Quando começou o Parnasianismo entre nós?

Fazer o leitor satisfeito de si dar o desespero.

Não que a poesia hoje precise cantar os malfeitos nacionais nem legitimar os projetos de nação, como no Romantismo, mas sim que a poesia se interesse ou não por isso, encena modos de ser, pensar e sentir, comportar-se, de estar perante o mundo e a vida que não existem por si mesmos, estão contextualizados, no verso e no anverso, no cais da nação. Modos (ou faltas de) da subjetividade não serão os mesmos em Paris, Calcutá, Argel, Cairo ou Rio de Janeiro. No Rio de Janeiro tampouco haverá homogeneidade.

O sistema-mundo capitalista é uno e desigual: é isso um verso? (Curiosidade: o Manifesto comunista é contemporâneo das Flores do mal, com alguns anos apenas de diferença - ambos cantam o mal e têm como matéria poética as barricadas de Paris. Ah, Paris! E o Parnasianismo? O Brasil foi o país onde melhor se aclimatou o Parnasianismo. E por quê? Vá ver que ele nasceu aqui e não lá, senão na forma, na matéria (nasceu onde o refinamento da crueldade é mais apurado).

Assim, mesmo em nações onde os problemas nacionais já não pesam tanto, porque os elementos formadores da unidade nacional estão integrados e funcionam a contento, mesmo aí encontraremos os traços nacionais na poesia.

Para as nações que chegaram irremediavelmente atrasadas ao tempo de composição e integração nacionais, ah! o concerto das nações, o horizonte é ainda o dessa integração que, entretanto, parece não se completar jamais.

A poesia, ao evidenciar e iluminar esse atraso, poderá também evidenciar e iluminar o sistema-mundo capitalista, onde esse atraso é sistêmico e contém os dados que, combinados, podem ajudar a entender o desconcerto do sistema-mundo,

a desigualdade,
a hipocrisia dos projetos da modernização,
a sublimação das diferenças,
a pós-modernização do pré-moderno
o peso da vida se compra a cada dia

* Poeta, ensaísta.
Doutor pela USP.
Professor adjunto da Universidade
de Brasília.

Mensagenzinha pra se passar o natal
Tudo isso que dói no osso e músculo
do seu rosto
e inflama nervos e pele
que lhe esmaga o sorriso
roubando ao mundo
sua paisagem mais límpida
Isso tudo que você carrega
e em revide
lhe carrega
é mineral como a pedra
que vai embaixo do braço
sobre a cabeça
amarrada nas pernas
mineral como o seu riso
de metais, saliva e zinco
Esmagado, porém, o sorriso insiste
em explodir a combinação
dos elementos da água
é um tipo novo de saber
feito de beiços, poros e dentes
paisagem do mundo
ao amanhecer

Bom, isso não será poesia, será talvez um
depoimento de um leitor de Drummond,
alguém que lê Drummond hoje, em 2005.

Antes: mercadorias espreitavam-me
Assim desse jeito: solenemente
Para ser sincero, era recíproco
também as espreitava
talvez mais jocosamente
ao infinito

Hoje
já não excitam

que já não há margem no corpo
para tal

E acaso haverá corpo?
E o Brasil?

Corpo mesmo, com
sumo
só o da mercadoria
o corpo-alma
clone sem defeitos
o homem enfim superior
colagem de esquadrejados
pedaços selecionados
de inúmeros cadáveres
compondo um único e artístico corpo
só imagem, incorruptível
(Gottfried Benn ou Augusto dos Anjos)

Dos corpos
na beira da estrada
se retiram os brilhantes dos dedos
Sem olhos, então, as coisas se espreitam

Depois do horror, pouca coisa: o raro

Então, eu pergunto:
emoção e economia: qual delas vem
primeiro
(pois a ordem dos fatores não altera o
produto)?
Da emoção para a economia:
o que não pertence ao mundo do vil metal?
O inconsciente mercantilizado?
Alguma ilha deserta
povoada de agências de turismo?
Da economia para a emoção:

Porque não se deve sentir nada
tão fortemente
só o bastante para efetivar o gesto
do consumidor
Assim se preservará emoção
para o próximo gesto

"Vou lançar a teoria do poeta sórdido"

Depois "Os acontecimentos me
entendiam". Mas "O carro da miséria", "A
rosa do povo" antes aconteceram
Ferreira Gullar veio a ser parnasiano
redescobriu que o poema é sujo
e o poeta, sórdido
como em Bandeira
"a nódoa no brim"

Na Bahia ainda, no Chame-Chame
li Mário Chamie
Eu mesmo descobri Armando Freitas Filho
Hoje já não poetizo mais
leio o Elefante
e o seu país
este onde o parnasianismo insiste outra
vez e sempre em recomeçar